



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Por uma linha de acção comum

Nunca como hoje o movimento anti-fascista português teve necessidade de definir uma firme linha de acção. A desorientação é grande em vastos sectores. Por um lado, fazem-se sentir as ilusões legalistas, as esperanças numa «liberalização do regime» resultante do compromisso dos elementos mais moderados da oposição com os chamados «dissidentes» assim como as ilusões numa possível pressão externa vinda de laçaios do imperialismo como são os «socialistas» Wilson e Brandt — ideias essas que conduzem à renúncia a objectivos fundamentais da revolução anti-fascista, ao desinteresse pela actividade clandestina, ao afastamento da acção revolucionária. Por outro lado, fazem-se sentir as ilusões de que grupos de homens decididos que realizem acções armadas mais ou menos espectaculares poderão abrir caminho à revolução, ideias que a serem seguidas conduzirão a aventuras condenadas a trágicos fracassos. Uma e outras ilusões exercem prejudicial influência, afastando muitos militantes anti-fascistas das suas tarefas essenciais da hora presente — a organização, a acção política, a luta popular — e empurrando as massas para a expectativa e a inacção.

A ditadura fascista não será

varrida da terra portuguesa apenas por acções legais, nem por combinações e compromissos de bastidores de liberais e «socialistas» com os chamados «dissidentes» do regime, combinações e compromissos que só podem servir o próprio fascismo na busca duma saída para as suas dificuldades. Tão pouco a ditadura será derrubada por aventuras de grupos armados, separados da luta popular de massas, sem uma forte organização política nem uma larga acção política e facilmente permeáveis, por isso mesmo, à acção repressiva e ao trabalho provocatório.

(continua na 2.ª pág.)

A vida de Pires Jorge está ameaçada UM GRITO DE ALARME E UM APELO

Rompendo as muralhas e as grades da fortaleza-prisão de Peniche, chegaram até nós notícias alarmantes sobre o estado de saúde de Joaquim Pires Jorge. Um grito de alarme e um apelo são lançados pelos seus companheiros de prisão.

Grito de alarme porque Pires Jorge não está a ser tratado como a gravidade do seu estado exige, do que tem resultado o agravamento constante da sua saúde que poderá resultar num

funesto desenlace a curto prazo. Um apelo à classe operária e a todos os trabalhadores, aos democratas, homens, mulheres e jovens de Portugal amantes da justiça e da liberdade, assim como à opinião pública internacional para erguerem depressa as suas vozes em defesa da vida de Pires Jorge.

A hospitalização imediata de Pires Jorge, em condições de poder ser tratado convenientemente é a primeira medida que

se impõe reclamar sem perda de tempo.

Joaquim Pires Jorge é membro destacado do Comité Central do Partido Comunista Português. Desde a sua juventude pôs todas as suas energias e capacidades, a própria vida, ao serviço da defesa dos interesses do proletariado, das massas trabalhadoras e do país. Quarenta e dois anos de luta abnegada, muitas vezes heróica, contra a ditadura fascista, pela liberdade do povo português, pela democracia e o socialismo, leva já este grande patriota e militante comunista incansável.

Em acções audazes, muitas vezes, arriscou Pires Jorge a sua vida, quer participando na luta armada, como no movimento revolucionário de 7 de Fevereiro de 1927, quer nas prisões fascistas de Espanha e Portugal, quer evadindo-se para vol-

(continua na 4.ª pág.)

GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES EM LISBOA CONTRA A GUERRA NO VIETNAM

Um mês volvido sobre as manifestações dos estudantes da Universidade do Porto, a juventude estudantil e operária e o povo de Lisboa concentraram-se aos milhares diante da embaixada dos Estados Unidos para gritar o seu protesto aos bárbaros agressores do Vietnam, aos imperialistas americanos.

No dia 21 de Fevereiro, enquanto o paquete «Funchal» depositava no cais de Alcântara o presidente da República, de regresso da sua viagem à Guiné e Cabo Verde onde o levaram os interesses dos colonialistas e as preocupações do governo, ante os desaires da guerra colonial no plano militar, político e diplomático, os estudantes, a juventude operária e o povo de Lisboa rompiam os cordões da polícia que cercava a área da embaixada dos Estados Unidos e aos gritos de «Liberdade para o Vietnam», «Paz para o Vietnam», «Americanos, tirai as mãos do Vietnam», reafirmaram a sua solidariedade

aos gloriosos combatentes vietnamitas, que desconjuntam a máquina de guerra americana com um heroísmo e uma capacidade militar exemplares.

A vasta área que se estende da Avenida Duque de Loulé até à Estefânia foi teatro de violentos encontros entre milhares de manifestantes e as forças repressivas, que carregaram brutalmente sobre a multidão. O estudante Jorge da Silva Melo ficou gravemente ferido e foi levado sob prisão.

Um poderoso dispositivo de repressão cercou todo o bairro da embaixada americana e proibiu a circulação de veículos e de pedões. As agências de informação foram sujeitas a rigorosa censura.

Saudamos com entusiasmo os estudantes, os grandes activistas da manifestação, a juventude operária e o povo de Lisboa, que no dia 21 de Fevereiro testemunharam ao heróico povo do Vietnam e à sua juventude, a so-

lidariedade activa da juventude e do povo de Portugal que lutam contra os serventuários do imperialismo americano, os governos salazaristas.

SOLIDARIEDADE MILITANTE AO VIETNAM!
PAZ E INDEPENDÊNCIA PARA O VIETNAM!

MAIS UM CRIME DA PIDE

Vítima de tortura do sono e da incuria criminalosa de COMES DA SILVA, director do Forte de Caxias, morreu no passado dia 22 de Janeiro, no Hospital-prisão de S. João de Deus, o operário serrador de 50 anos de idade, ANTONIO FIRMINO.

Tendo-se-lhe desencadeado um enfarte de miocárdio — a mais grave doença cardíaca — imediatamente após a submissão à tortura do sono, neste perigosíssimo estado foi mantido na Fortaleza em regime de isolamento, durante cerca de 2 meses. E-lhe recusada a assistência da família. No dia de Ano Novo anunciou-lhe a visita de sua mãe, uma velhinha de 82 anos, e logo a seguir a bárbara arbitrariedade reinante na Fortaleza nega-lhe essa mesma visita. António Firmino sofre uma violenta comacção e cai na cama. O súbito agravamento da doença faz prever o desenlace

fatal, mas continua retido numa cela de fortaleza. Hospitalizado no dia 5, morreu 17 dias depois.

Esta é a lei assassina que nas masmorras fascistas os torturadores da PIDE, Selazar e os seus ministros, aplicam aos presos políticos.

Nas malhas desta criminosa eugrenagem estão centenas de abnegados patriotas. Entre eles figuram Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Octávio Pato, Carlos Costa, Sofia Ferreira, Afonso Gregório, Alda Nogueira, Guilherme de Carvalho, José Carlos e tantos outros que só a solidariedade nacional e internacional arrancará à morte.

Ante o agravamento da situação económica INTENSIFIQUEMOS AS LUTAS DE MASSAS



O grau de dependência cada vez maior da economia nacional em relação ao imperialismo estrangeiro agravou a situação económica de alguns ramos fundamentais da produção e ameaça repercutir-se noutros sectores, comprovando as previsões da última reunião do Comité Central.

As recentes medidas tomadas pelo governo americano destinadas a reduzir a exportação de capitais, através da anulação ou redução de empréstimos externos, da diminuição do turismo e da retração das importações vem projectar-se na economia nacional de modo saliente criando apreensões sérias entre os próprios magnatas da finança.

A balança de pagamentos, cujo equilíbrio depende em larga medida das receitas do turismo, sofrerá as consequências da redução que se irá verificar no total de receitas trazidas ao país pelos turistas americanos e ingleses as quais são superiores

a 2 milhões de contos.

O ciclo de depressão económica que se regista nos países capitalistas manifesta-se na conjuntura económica nacional. Antes mesmo da desvalorização da libra assinalava-se já uma redução nas principais exportações para Inglaterra. A baixa registada na compra de tecidos de algodão em 1965, em relação ao ano anterior, foi de cerca de 50 por cento, quer no volume de mercadorias quer no seu preço.

Enquanto as exportações portuguesas para a Alemanha se reduzem, mercê da conjuntura de crise naquele país, os capitalistas alemães deslocam-se a Portugal para discutirem com os representantes da finança o modo de intensificar os investimentos de capitais e as exportações de mercadorias para o nosso país e de transformar Portugal numa nova Hong-Kong, como afirmou um delegado alemão numa reunião recentemente realizada em Lisboa.

A GUERRA COLONIAL PROVOCA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Embora em 1967 se tenha verificado uma melhoria na produção de trigo, cevada, batata e azeite, em resultado de um ano agrícola mais favorável, a crise da agricultura continua a agravar-se, pois ela está ligada à política fascista de concentração da propriedade, ao desenvolvimento capitalista nos campos, às medidas de reconversão agrícola, à penetração imperialista, às importações massivas de produtos agropecuários.

Regista-se um decréscimo na produção industrial, assinalado na crise da indústria têxtil, na retração económica e na estagnação de outros ramos fundamentais.

MORREU TOMÁS DA FONSECA

A morte de Tomás da Fonseca, com 90 anos de idade, em 12 de Fevereiro do corrente ano, não representa apenas uma perda para a cultura nacional, para a vida intelectual portuguesa. Representa igualmente uma lacuna nas fileiras do Partido Comunista Português, a que ele aderiu, quando já contava 70 anos. Preso várias vezes, manteve diante dos esbirros salazaristas a atitude de coragem e desassombro que foi uma característica da sua vida.

Foi a enterrar na vila de Morfágnua onde decorreu uma grande parte da sua vida, entre filas do povo que ele amou.

A sua família e em particular a sua sobrinha, a corajosa militante comunista Fernanda Tomás, o «AVANTE!» envia as suas sentidas condolências.

Os gastos com a política de guerra agravam as condições depressivas da economia nacional. O total orçamentado para 1968 eleva-se já a mais de 8 milhões de contos, mas a menos de um mês da publicação do Orçamento Geral do Estado, o governo

fascista requeria uma verba especial de mais de meio milhão de contos, destinada aos gastos com a guerra colonial. Uma tal política traduz-se no aumento dos impostos e de outras cargas fiscais, que saem dos magros salários dos trabalhadores, dos baixos proventos dos camponeses, dos pequenos e médios industriais e comerciantes.

Só as receitas ordinárias registaram um aumento de 1 milhão 955 mil contos, tendo passado de 14 milhões 962 mil contos em 1967, para 16 milhões 915 mil e 700 contos em 1968. O imposto profissional, que pesa sobre a classe operária e os componentes das profissões li-

berais, subiu 50.000 contos comparativamente ao ano anterior enquanto o imposto sobre o rendimento de capitais, que atinge os representantes da finança, subiu apenas 3.150 contos.

O imposto de transacções, que em 1966 contribuiu para o aumento geral dos preços de artigos de amplo consumo, passou de um milhão e 200 mil contos em 1967, para 1 milhão e 600 mil contos em 1968 ou seja, mais 400 mil contos. Isto significa, só por si, um novo agravamento no custo de vida, que se irá acrescentar ao que se regista quase diariamente nos géneros de primeira necessidade.

AMPLIAR E ORGANIZAR A LUTA DAS MASSAS TRABALHADORAS

As dificuldades que se assinalam na vida económica nacional repercutir-se-ão, em escala crescente, nas condições de vida das massas trabalhadoras da cidade e do campo. Os monopólios capitalistas e o imperialismo estrangeiro intensificam a exploração da classe operária elevando os ritmos de trabalho, mantendo o baixo preço da mão de obra, congelando os salários, aumentando os impostos e o custo de vida, mobilizando novos recursos financeiros para fazer face às exigências da guerra colonial. O desemprego, total ou parcial, que atinge já os operários têxteis, da indústria corticeira, de calçado, chapéus e outras, pode alargar-se, embora esta situação possa ser atenuada pela crescente mobilização de mais uma centena de milhares de braços para a guerra colonial e pela contínua saída de emigrantes. A presente situação impõe aos comunistas, em primeiro lugar, à classe operária e a todos os trabalhadores,

terefos fundamentais no domínio da organização, mobilização e direcção de novas lutas de massas, para resistirem à ofensiva dos monopólios, do imperialismo estrangeiro e do governo fascista, que pretendem fazer ombros dos trabalhadores o peso das dificuldades que assolam a economia nacional e o regime fascista.

É indispensável intensificar a luta, nas empresas, nos campos, nos locais de trabalho, contra a exploração capitalista, contra os ritmos infernais de produção, por aumento geral de salários.

É necessário e urgente organizar e ampliar a luta da classe operária e das massas populares contra a subida do custo de vida, contra o poder dos monopólios, contra a guerra colonial, contra a ditadura fascista.

Estamos em face duma situação que se agrava, que abre novas perspectivas à acção revolucionária. Organizemo-nos e ampliamo-nos a luta popular de massas.

POR UMA LINHA DE ACÇÃO COMUM

(continuação da 1.ª pág.)

O oportunismo de direita leva direito à capitulação. O aventureirismo ao desastre.

Não fazemos estas afirmações para menosprezar seja quem for. Sempre manifestámos o nosso apreço por todos quantos lutam contra o fascismo, quaisquer que sejam as suas convicções políticas ou crenças. Sempre saudámos com alegria o aparecimento de novos combatentes anti-fascistas, devotados e corajosos. O apreço pela posição anti-fascista não pode significar entretanto aprovação ou silêncio equívoco ante linhas de actuação que não só não levarão ao sucesso aqueles que as perfilham, como prejudicam o desenvolvimento do movimento anti-fascista no seu conjunto.

Na hora presente, é sobretudo essencial um incansável trabalho de organização e uma constante e tenaz actividade com o objectivo de conduzir à luta contra o fascismo, nas suas mais variadas formas, as vastas massas populares. Essa será a única base em que poderá assentar uma luta armada bem sucedida e que poderá abrir a perspectiva insurreccional.

Tanto os oportunistas de direita como os esquerdistas desprezam esta orientação, afirmam que o Partido está «ultrapassa-

do» e propõem-se eles (uns encochados no legalismo e buscando o compromisso com os «dissidentes», outros pela «acção directa») dirigir a revolução. Não são os primários a afirmá-lo. A insistirem nas suas ilusões e na sua acção contra o Partido da classe operária, não serão também os primeiros a ficar para trás, «ultrapassados», batidos, politicamente desfeitos, enquanto o Partido Comunista, ligado à classe operária e às massas, continua e continuará vivendo, lutando e erguendo na primeira linha da dura e difícil luta clandestina o estandarte da resistência anti-fascista. É a classe operária, são as massas populares que decidirão a sorte do movimento e da revolução. Quem se afaste delas e julgue poder resolver sem elas o problema da revolução será implacavelmente ultrapassado pelos acontecimentos.

Apesar da desorientação que lava em certos sectores da Oposição, apesar de diferenças de pontos de vista, das diferenças de tática, existem condições favoráveis para a unidade de acção contra o regime fascista. O povo está pela unidade e pela unidade está a grande maioria dos sectores anti-fascistas. Por isso, ao mesmo tempo que criticamos as tendências prejudiciais, continuamos

sempre dispostos a cooperar, em todos os domínios de acção, com todos os sinceros anti-fascistas.

De há muito se impõe a análise colectiva da situação pelos diversos sectores da Oposição com vistas a definir uma linha comum, que dinamize a acção política e as lutas populares, dentro da sua perspectiva revolucionária. Pela sua parte, o Partido Comunista está em qualquer momento pronto a participar num Encontro ou Conferência que se proponha um tal objectivo.

Queremos a Unidade anti-fascista. A unidade na acção e para a acção. Unidade, não de costas voltadas para o povo, mas radicada na própria unidade popular, na unidade dos operários, dos camponeses, dos empregados, dos estudantes, dos intelectuais, dos soldados e marinheiros, unidade forjada na própria luta e expressão da própria luta.

Não há tempo a perder. A situação política pode evoluir rapidamente e colocar o movimento anti-fascista ante novas responsabilidades. É necessário pôr fim à dispersão de esforços, à desorientação, às ilusões de direita e de esquerda. Reforçando a unidade anti-fascista, é necessário definir uma linha de acção comum. Para o imediato e para o futuro.

OPERÁRIOS E CAMPONESES! REFORÇAI A VOSSA LUTA!



NEM AMEAÇAS NEM INSULTOS VERGARAM OS OPERÁRIOS DOS NITRATOS DE PORTUGAL

Na empresa Nitratos de Portugal — Póvoa do Santa Iria — uma equipa de serralheiros foi atingida por uma descarga de ácido sulfúrico quando noutras secções se procedia a reparações perigosas para a vida dos operários que no momento se encontravam em actividade. Todos os componentes da equipa sofreram graves queimaduras na face e nos braços.

Neste acidente, como em muitas dezenas de milhar de outros, revela-se a carência de medidas de segurança destinadas à prevenção de acidentes do trabalho e das doenças profissionais.

Há 41 mil sinistrados anuais registados com incapacidade permanente.

Numa fábrica de móveis, em Guimarães, dos seus 115 operários que trabalham com serras, máquinas e ferramentas susceptíveis de provocar acidentes, 88% (!) apresentavam, em começos de 1967, insuficiências visuais perigosas.

Entre os 200 mil operários calculados actualmente a trabalhar nas indústrias carbonífera, cerâmica, vidreira, metalúrgica, de pedreiras e barragens, a estimativa daqueles que se encontram atingidos de silicose é superior a 46 mil.

Em Abril de 1962, o governo fascista estabeleceu por lei o prazo de 5 anos para que as empresas organizassem os seus serviços médicos e ao mesmo tempo criou um decreto estabelecendo multas para os infractores; aquele prazo, porém, expirou e 4 anos passados o decreto das multas ainda não fôra

posto em execução. Entretanto segundo informava o ministro das Corporações em Julho de 1967, é da ordem dos 500 mil a sinistralidade anual.

Ante a carência de meios de protecção contra acidentes de trabalho e doenças profissionais que aliado devem tomar os operários?

Devem seguir o caminho da luta. Devem seguir o caminho dos operários da empresa Nitratos de Portugal.

Após o desastre que vitimara os seus companheiros, sucessivas equipas de serralheiros e ajudantes recusaram-se a trabalhar nas perigosas condições a que os patrões queriam obrigá-los brandindo ameaças de despedimento. Nem ameaças nem insultos, nada vergou a combatividade e unidade dos operários. Parou o trabalho nas secções onde os riscos se faziam sentir.

Este é o único caminho que imporá o respeito ao patronato e às autoridades fascistas. Só ele poderá defender da morte, da invalidez e da miséria os trabalhadores portugueses.

UM SUCESSO PARCIAL da luta dos bancários

Foi assinado o novo contrato colectivo dos empregados bancários. Após uma luta que se prolongou por mais de um ano, eles conseguiram um aumento de 10 a 22 por cento nos ordenados, a melhoria dos subsídios de férias, a actualização das pensões das viúvas e dos reformados.

As manobras de divisão empreendidas por dirigentes sindicais, o apoio do governo fascista aos magnates da finança, as debilidades e hesitações manifestadas no decurso da luta reduziram substancialmente as conquistas dos bancários, embora seja de assinalar, entre os resultados positivos da sua acção, a recusa consumada de aceitarem a imposição dos seus patrões, de mais hora e meia de trabalho semanal.

Ao contrário do que comumente sucede, o contrato colectivo dos bancários não foi elaborado e assinado com a sua total ignorância. A luta desenvolveu-se com uma activa e crescente participação de milhares de bancá-

rios, com a realização de assembleias gerais onde os problemas em curso puderam ser discutidos.

Os empregados dos bancos deram provas de combatividade e de capacidade de acção. Mas faltou à luta dos bancários, para além do aproveitamento legal das possibilidades existentes, uma actividade coordenadora e dirigente que actuando sob a forma de comissões de unidade permitisse articular a luta em cada banco, em cada cidade e à escala do país, de modo a imprimir à acção reivindicativa uma direcção mais firme e eficiente, que não deixasse apenas às direcções dos sindicatos a solução imediata dos problemas dos bancários.

A luta dos bancários não se encerrou nem podia encerrar com a assinatura do contrato colectivo. Ela deve prosseguir para que as reivindicações fundamentais e em primeiro lugar a de aumentos de ordenados possam ser satisfeitas de acordo com os interesses dos 18.000 empregados dos bancos.

Vinicultores! o governo prepara-se para proceder ao arranque das vinhas! RESISTI ÀS MEDIDAS DO GOVERNO!

Em Dezembro de 1966, por despacho do ministro da Economia, o governo fascista estabelecia a nova orientação para a cultura da vinha, destinada a uma maior protecção aos grandes vinicultores e grandes armazénistas, quer pelo auxílio finan-

ceiro e técnico que lhes irão conceder, quer pelas vantagens que lhes garantem em relação ao mercado interno e externo, quer pela criação de novas zonas demarcadas.

O despacho da ministro da Economia visa igualmente o arranque de vinhas «em terrenos que possuem aptidão para outras culturas de rendimento igual se não maior», como se afirma naquele documento.

Com este objectivo o governo prepara-se para enviar brevemente à Ilha da Madeira, à zona demarcada do Dão, à região do moscatel de Setúbal e posteriormente ao Minho e Deuro Lito-

ral, os fiscais que irão proceder ao cadastro das vinhas, para efectuarem em seguida o arranque de videiras.

Os agentes do governo, ao mesmo tempo que querem fiscalizar o número de pés de vinha que não foram registados para encontrarem um pretexto que lhes permita arrancá-los, pretendem multar todos os proprietários que tenham plantado videiras sem a respectiva licença.

Vinicultores da Ilha da Madeira, do Dão e de Setúbal! Reuni-vos para combinares as medidas a tomar. Resisti à acção dos fiscais. Que todos se recusem a prestar esclarecimentos sobre os nomes dos proprietários de vinhas e o número de pés de videiras. Organizai a resistência contra a GNR e as forças policiais que possam ser enviadas para vos obrigar a ceder. Segui o exemplo dos vinicultores de Melgaço, São Pedro do Torro, São Martinho do Muro (Santo Tirso), Ovar e de outras localidades, que defrontaram corajosamente as forças da GNR e o bando de assassinos da PIDE e os obrigarem a bater em retirada, quando há tempo pretendiam arrancar-lhes as videiras.

Tocai os sinos a rebato. Chamei todo o povo da região à luta. Não receeis a repressão. Na luta pela defesa dos vossos interesses não poupeis esforços nem sacrifícios. Uni-vos. Luta! Escorrei os fiscais. Que nem um só pé de vinha seja arrancado!

A vossa lado está o Partido Comunista Português. A vossa lado estão o classe operária e o povo trabalhador.

OS PORTUÁRIOS DE LISBOA VENCEM NAS ELEIÇÕES SINDICAIS

Eleger direcções honestas significa colocar a frente dos sindicatos fascistas homens que podem servir os interesses dos trabalhadores na luta que estes conduzem no terreno sindical.

A aceitação deste ponto de vista levou os portuários de Lisboa a elaborar uma lista de homens honestos que apresentaram como candidatos às «eleições» sindicais. Essa lista derrotou estrondosamente uma outra apresentada por agentes do patronato e do fascismo e fortemente apoiada por estes. Nem as manobras nem as pressões que antecederam a eleição dos corpos gerentes levaram os portuários a retirar o seu apoio aos companheiros que haviam escolhido para a direcção do sindicato.

Um tal sucesso é a primeira etapa da sua luta por direcções sindicais honestas. Os armadores e as autoridades fascistas tentarão por várias formas anular o resultado destas eleições.

A primeira acção a empreender pelos portuários é fazer aprovar sem demora a lista que escolheram. Consegui-lo-ão se lutarem unidos.

Não são os chamados sindicatos na-

cionais que vão tomar a seu cargo por livre e espontânea vontade a defesa dos interesses dos trabalhadores. Mas através desses sindicatos os portuários podem e devem conduzir a luta reivindicativa pela elaboração do contrato definitivo de trabalho.

Os portuários de Leixões CONTINUAM EM LUTA

Os portuários de Leixões mantêm a sua posição de firmeza, em face da recusa dos armadores em conceder-lhes um salário igual ao que ganham os portuários de Lisboa, em conceder-lhes as 8 horas de trabalho diário e em pôr fim ao trabalho nocturno.

Por esse facto a «cera» continua. A descarga das mercadorias é retardada no porto de Leixões. Reforça-se a unidade entre estivadores e descarregadores. Os pescadores que neste momento se ocupam na estiva mostram-se solidários com os seus companheiros de trabalho. As manobras dos agentes de na-

vegação para dividir os portuários, bem como as ameaças do sub-delegado do I.N.T., encontraram a barreira da unidade dos portuários.

Mas tal como assinalava o «Avante!» no seu último número, os portuários de Leixões não devem limitar-se exclusivamente à «cera».

A criação de uma Comissão de Unidade é um factor valioso para o desenvolvimento desta luta.

O recurso a curtas paralisações de trabalho, acompanhadas de concentrações junto do sindicato e da administração do porto podem levar os patrões e as autoridades fascistas a ceder.



A vida de Pires Jorge está ameaçada

Rádio Portugal Livre conta seis anos de existência

(continuação da 1.ª pág.)
 tar imediatamente à luta clandestina, quer durante anos e anos de clandestinidade, sempre perseguido e procurado raivosamente pelo bando de assassinos da Pide.

Sem nunca olhar a esforços e sacrifícios de qualquer espécie e respirando sempre uma alegria confiante, Pires Jorge, palmilhava, a pé ou de bicicleta, dezenas e centenas de quilómetros, quantas vezes com o estômago vazio, para levar as palavras de ordem e a orientação do seu Partido aos operários da região do Porto e das Beiras, aos operários, camponeses e operários agrícolas de Trás-os-Montes e do Minho, aos pescadores de Matosinhos, Setúbal e Algarve, ao proletariado industrial da região de Lisboa e da margem sul do Tejo, ao proletariado rural do Alentejo, Ribatejo e Oeste.

O nome de Joaquim Pires Jorge está intimamente ligado ao crescimento e reforço do Partido Comunista Português, às lutas do proletariado industrial e agrícola dos últimos 25 anos, dos intelectuais de Lisboa, Porto e Coimbra, e às grandes jornadas políticas de 1945-49, 1951, 1958 e 1961, pelas liberdades democráticas.

Por esta razão fundamental, Joaquim Pires Jorge é odiado de morte pelo inimigo de classe, pela camarilha fascista de Salazar que incumbiu os facinorosos da Pide e outros sicários de o liquidar lentamente, já que até hoje não houve ocasião propícia para o assassinar a frio, como fizeram a Alfredo Dinis, José Dias Coelho, José Moreira, Dr. Ferreira Soares e tantos outros.

Na verdade, Pires Jorge tem sido repetidas vezes ameaçado de morte por dirigentes e agentes da Pide, tais como Sachetti, Fernando Gouveia, Gomes da Silva, José Gonçalves e outros. Se as palavras destes assassinos profissionais ainda não se concretizaram em actos sangrentos, isso deve-se à vigilância dos comunistas, dos trabalhadores portugueses de vanguarda, de muitos democratas, e à força da opinião pública nacional e internacional, que tantas vezes se tem mostrado solidária para com as vítimas da ditadura fascista de Salazar.

Pires Jorge há muito sofre de uma grave doença que pode a todo o momento degenerar no pior, o que significaria a morte certa. A camarilha governante e o seu bando da Pide não ignoram tal facto e dele querem tirar partido para os seus fins criminosos.

Os maus tratos, os longos anos de prisão, uma alimentação deficiente e imprópria para o seu estado, a falta de assistência médica e de medicamentos, além de terem agravado a doença provocaram outros males que vieram abalar ainda mais o estado de Pires Jorge.

Em Agosto-Setembro de 1967,

começou a queixar-se do baixo ventre, passando a estar permanentemente em estado febril enquanto as dores aumentam. O «médico», porém, ousa falar de sezões (!) e receita em conformidade. O nosso camarada e os seus companheiros têm insistido corajosamente por medidas que dêem a conhecer o mal, mas os carcereiros, com o capitão Manuel Falcão à frente, a Direcção Geral das Prisões e a odiosa Pide a tudo se têm mantido surdos. Tornando-se cada vez mais reduzida a urina que consegue expelir, Pires Jorge repara casualmente que ela é ensanguentada. Diz isto ao «enfermeiro», segundo sargento Ribeiro, que continua a falar em sezões! A firmeza do doente levou este criminoso, a quem estão entregues as vidas de muitos dos melhores filhos do povo português, a declarar convictamente que se tratava de uma cistite...

Pires Jorge foi finalmente transferido de urgência para o hospital-prisão de Caxias, onde as hipóteses admitidas foram desde uma prostatite até às coisas mais inquietantes. Apesar disso, e do antigo mal de que sofre, após uns tantos tratamentos foi de novo levado para Peniche.

Que significa isto, senão o objectivo premeditado de o assassinar, perpetrando o crime

à sombra de uma evolução fatal da doença?

O estado de saúde de Joaquim Pires Jorge exige tratamento urgente num hospital ou casa de saúde onde não possam intervir nem a Pide nem os seus «médicos» e «enfermeiros».

A vida preciosa do grande patriota e combatente indefectível da causa sagrada da liberdade e do progresso que é Joaquim Pires Jorge está seriamente ameaçada. Se é certo que a cura completa dos seus males já não será possível, é possível e necessário aliviá-los, mas para isso terá de ser tratado sem perda de tempo e em condições propícias, isto é, EM LIBERDADE.

Como noutros emergências semelhantes, a classe operária, as massas irredimidas, a nossa valente juventude e as nossas valentes mulheres, todos os democratas — comunistas, socialistas, católicos, republicanos e liberais — todas as portuguesas e portugueses de coração não poderão com a sua solidariedade activa para salvar a vida deste militante comunista e grande combatente pela democracia e o progresso, exigindo que seja internado num hospital a tratado por médicos capazes e arrancando-o da prisão.

Apelamos para o seu espírito solidário e chamamo-lo à acção imediata por este nobre objectivo.

Cortes, telefonemas, postais, às autoridades governamentais, à Pide, ao director da prisão de Peniche reclamando o internamento de Pires Jorge num hospital e a sua libertação.

Inscrições denunciando o crime que se prepara e exigindo que lhe sejam abertas as portas da prisão.

Salvemos a vida de Joaquim Pires Jorge!

ÚLTIMA HORA: — Já depois deste artigo estar composto chegou-nos a notícia inquietante de que Joaquim Pires Jorge foi enviado de urgência para o hospital prisão de Caxias para ser operado.

VIVA O 1.º DE MAIO

(continuação da 1.ª pág.)

Por um 1.º de Maio de luta

Desde o 1.º de Maio de 1967, centenas de lutas tiveram lugar no nosso país. Saudamos os metalúrgicos, corticeiros, têxteis, portuários, pescadores, empregados bancários e de seguros, médicos e enfermeiras, os valentes estudantes de Lisboa e Porto, que empreenderam a luta pela defesa dos seus interesses, por melhores condições de vida e contra a agressão americana ao Vietnam.

Neste 1.º de Maio de 1968, «o Partido Comunista Português chama os trabalhadores e as massas populares à unidade e à luta por aumento de salários, contra a carestia da vida, contra a repressão, contra a guerra colonial, pelas liberdades democráticas, contra a intervenção americana no Vietnam — como assinala o manifesto da Comissão Executiva do Comité Central.

O Partido Comunista Português apela para a classe operária, para todos os trabalhadores, para a juventude, os intelectuais e as mulheres para que, no dia 1.º de Maio, intensifiquem a acção pela saída de Portugal da NATO, contra as bases militares estrangeiras, pela independência nacional, pela defesa da paz.

Sob a bandeira da solidariedade ao Vietnam, sob a bandeira do internacionalismo proletário, o 1.º de Maio deste ano fundirá no mesmo esforço e na mesma luta, os trabalhadores da

cidade e do campo com todos os patriotas que elevem os seus protestos contra a bárbara agressão americana ao Vietnam, organizando as mais variadas acções de solidariedade para com o heróico povo do Vietnam, exigindo a cessação incondicional dos bárbaros bombardeamentos contra a República Democrática do Vietnam e a retirada das tropas americanas do Vietnam.

Na acção forja-se a unidade da classe operária, que faz dela a grande força revolucionária da nossa época, chamada a transformar a nossa Pátria, a juntar à sua volta, para o combate pela Liberdade e o Progresso, tudo o que o país tem

de são e combativo.

Na acção forja-se a unidade nacional anti-fascista, necessária para galvanizar as grandes massas populares para a luta contra a ditadura e para conduzi-las depois ao assalto da fortaleza fascista, para a destruição e para instaurar um regime verdadeiramente democrático em Portugal.

Por uma jornada de luta! Por uma jornada de solidariedade ao Vietnam, no dia 1.º de Maio!

Avante por novos combates pelo pão, pela paz, pela democracia, pelo socialismo!

Unidade e Acção contra a ditadura fascista!

VIVA O 1.º DE MAIO!

Quantias recebidas dos amigos do Partido

À mem. do J. Gregório 717\$65	Natal (J) 50\$00	organizar 320\$00	Idem 26\$50
« J. Moreira 717\$65	Idem (X) 60\$00	Dinis Miranda 59\$00	Pela Democr. 24\$5
« de Madeiral (B) 1,960\$75	Casal Algerv. 235,20	Donalvo 30\$00	Por Eça (F) 235\$20
A.M.F. 40\$00	Caf. Eufémia 59\$00	Filho de peixe sabeadar (0) 20\$	Por uma verd. democracia 23\$5
Amigo do Partido 27\$50	Idem (F) 58\$80	Gráfico progressista 20\$00	Presos políticos 65\$50
« de Aljarcos 206\$	Chapelin (4-5) 200\$	Imprensa democrática (6) 50\$00	Prof. fulido Valente 5) 20\$00
« de S. Estêvão 178\$	Cinquentário da R. de Out. lista n.º 80 540\$	José Vitor. 20\$00	Reap. ao apelo da C. Ex. (A) 100\$
Anli-fascistas (F) 206\$00	« n.º 82 40\$00	Liberdade 50\$00	Idem (C) 50\$00
« de Grândola (F) 352\$80	« n.º 88 30\$00	« Af. Gregório 100\$	Idem (B) 30\$00
Assim foi tempo. rado o aço 100\$	« n.º 96 30\$00	« psra Régério 100\$	Idem (C) 40\$00
Aurélio Dias 80\$00	« n.º 109 5\$00	Carvalho 300\$00	Idem (Ce) 50\$00
A verdade 90\$00	« n.º 110 25\$00	Lietart comunista 30\$00	Idem (X) 20\$00
Auxílio aos perseguidos lista n.º 5 35\$00	« n.º 112 17\$00	Milliso 118\$00	Sedov (2) 100\$00
« n.º 24 5\$00	« n.º 120 60\$00	Natal dos Amigos dos pr. p. 30\$	Soeiro Pereira Gomes (RM) 50\$00
« n.º 25 207\$50	« n.º 121 10\$00	Organizados venceremos! 500\$	Sombra verm. 25\$5
Broas (BR) 32\$50	« n.º 122 90\$00	Idem 1,100\$00	Tarrafal (6) 320\$00
« (D) 20\$00	« n.º 123 55\$00	« sol valialto 10\$00	Uma iniciativa 25\$00
« (RN) 20\$00	« n.º 124 30\$00	Outubro sovietico 500\$00	Viva a Democr. 20\$00
Campanha do Defender e	« n.º 127 40\$00	Idem 100\$00	« Léline 50\$00
		Idem 6\$50	Zé Castro 60\$00
			TOTAL: 12.410\$75



A PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL DA NATO é contra os interesses do povo português

A participação de Portugal na NATO custou já ao país mais de 8 milhões de contos, despendidos em armamento, em bases militares, na manutenção do pesado aparelho burocrático daquela organização. No ano em curso estão orçamentados 260 mil contos para «despesas militares de compromissos de carácter internacional» (leia-se Pacto do Atlântico); 90 mil contos para as infra-estruturas da NATO; 50 mil contos para as despesas de funcionamento das infra-estruturas da NATO, além da construção de navios escoltadores, corvetas e submarinos que custarão ao país, no ano corrente, mais de 600 mil contos.

A participação de Portugal na NATO levou à criação de uma rede de bases militares em território nacional, ao serviço daquela organização, que atentam contra a nossa independência e são uma ameaça à vida pacífica do povo português. As bases do Montijo, Sintra, Oeiras, Espinho, Monte Real, Lejes, nos Açores, Beja, são elos da cadeia agressiva do imperialismo contra os países socialistas, contra as forças democráticas e pacíficas. Um tal dispositivo militar não agirá impunemente em solo pátrio. Coloca o país no âmbito de uma guerra total, sujeita o nosso povo à acção destruidora das mais modernas armas.

A península de Setúbal está transformada num perigoso dispositivo militar da NATO, onde se ocultam depósitos de munições, incluindo armas atómicas.

HÁ 66 ANOS NASCEU BENTO GONÇALVES

No nordeste transmontano, em Fiães, concelho de Montalegre, nascia a 2 de Março de 1902, Bento Gonçalves, figura dominante do movimento operário português, que no meio de dificuldades e sacrifícios, com uma tenacidade e devotamento exemplares, forjou o Partido do proletariado revolucionário, a sua vanguarda de luta.

No momento em que a ditadura fascista criava os fundamentos do seu poder de classe, Bento Gonçalves, o operário arsenalista, filho de pequenos camponeses transmontanos, lançava-se corajosamente à tarefa de armar a classe operária, com um estado maior revolucionário, procedendo à reorganização do Partido Comunista Português.

Esse Partido do proletariado, que em Abril de 1929, contava apenas 30 membros, tornou-se, sob a direcção de Bento Gonçalves, num verdadeiro partido marxista-leninista, que introduziu, pouco tempo depois, as primeiras grandes lutas da classe operária por Pão e Trabalho. As duas consignas de acção que mobilizaram os trabalhadores portugueses.

segundo tudo leva a crer.

Em fins de 1966 instalou-se Mem Martins o Quartel General da Zona Marítima Ibero-Atlântica (IBERLANT). Trata-se de um novo passo no enfeudamento de Portugal ao agressivo Pacto do Atlântico no momento em que este se debate em grave crise e se aproxima do seu termo.

Os governantes fascistas servem-se da NATO para resistir em África à justa luta dos povos pela sua independência, procuram empenhar numa tal aventura as forças armadas do Pacto do Atlântico, ao abrigo do artigo 4.º, embora até hoje os seus objectivos não tenham sido consumados.

A NATO foi criada no clima

da guerra fria para a cruzada contra a União Soviética e os países socialistas.

A causa do povo português, a causa das forças democráticas e patrióticas é a causa da independência nacional. É a causa da Paz. É a causa definida e estabelecida no Programa do Partido Comunista Português, na qual se preconiza a criação de relações pacíficas com todos os povos, e a saída de Portugal do Pacto do Atlântico.

Essa causa precisa de ser objectivada, na batalha da classe operária, dos trabalhadores portugueses, na luta persistente e organizada dos democratas e patriotas contra as bases militares estrangeiras, contra a participação de Portugal na NATO.

O Pacto do Atlântico não deve ser renovado em 1969.

Reunião de mesa redonda na Suíça EM DEFESA DOS PRESOS POLITICOS

Os representantes suíços do mundo sindical, político, cultural, religioso e outros, com a participação de um delegado da F.P.L.N., Dr. Manuel Sertório e de representantes de outros países, realizaram nos passados dias 3 e 4 de Fevereiro, em Lausana, uma Reunião de Mesa Redonda destinada a alargar a corrente de opinião pública por um Movimento de Amnistia em Portugal, e em defesa do povo português.

Promovida pelo «Movimento Suíço de Amnistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses»

este acto de solidariedade teve o patrocínio de numerosas e destacadas personalidades de diferentes meios de opinião democrática da Suíça.

Com larga documentação e testemunho pessoal, juristas e jornalistas apresentaram um quadro vivo da arbitrariedade e violência exercidas através dos processos e julgamentos políticos pela magistratura salazarista, de colaboração com a PIDE. A este testemunho se juntaram os depoimentos vividos pelos patriotas portugueses Francisco Miguel e José Viteriano, durante dezenas de anos vítimas do brutal repressão fascista.

Calorosa manifestação de solidariedade, este reunião foi mais um valioso contributo para a causa da Democracia pela qual se batem os combatentes anti-fascistas portugueses. Os presos políticos e

Os estudantes comemoram O 31 DE JANEIRO

No quadro da «República», decorreram em Coimbra as comemorações estudantis do 31 de Janeiro. Jantares de confraternização, seguidos de colóquios, reuniram em ambiente de vivo entusiasmo e elevado espírito democrático vários centenas de estudantes, raparigas e rapazes, com a participação de numerosos democratas.

Salienando o significado actual de data do 31 de Janeiro, os problemas relativos ao Movimento Associativo, com particular referência à luta por eleições, bem como os temas das guerras coloniais, guerra do Vietnam e solidariedade para com o povo vietnamita, estiveram no centro de todos os debates.

No Porto, várias dezenas de estudantes comemoraram esta data histórica, reunidos num jantar de confraternização. Em várias intervenções foram discutidos os temas da unidade das forças democráticas e estudantis, bem como a necessidade de uma ampla ligação destas com a luta dos trabalhadores.

Focada a situação dos nossos presos políticos, particularmente a dos que se encontram no cumprimento de medidas de segurança» decidiu-se no final que lhes fosse enviada uma saudação e outra ao povo vietnamita.

suas famílias, a quem os participantes da Conferência expressivamente manifestaram o seu apoio, sabem que podem contar com a activa participação das forças progressistas suíças no combate à degradação e desprezo pelos direitos humanos, de que o fascismo português é execrado auler.

Um pedido de investigação junto do Comité Internacional da Cruz Vermelha, relativo às condições em que são mantidos os presos políticos em Portugal, foi uma das conclusões da reunião, cujos participantes enviaram também um telegrama ao governo salazarista exigindo a libertação de todos os presos políticos.

A Conferência de Lausana, o mais recente acto de solidariedade internacional a inserir na já longa série que as forças mundiais da Democracia e da Paz têm consagrado à luta do povo português, juntar-se-á em breve, na Suíça, uma nova conferência pela Amnistia aos presos e exilados políticos de Portugal.

8 de Março é uma data em que o governo de Salazar não fala nem quer ouvir falar.

Nem por isso essa data está, porém, menos presente no pensamento de todas as mulheres portuguesas anti-fascistas, como nem por isso o seu símbolo encontra menos eco nas lutas das trabalhadoras, nos sofrimentos, nos anseios, nas barreiras que se opõem à sua emancipação, à conquista e usufruto dos seus direitos.

Quando as mulheres portuguesas, mães e trabalhadoras manuais ou intelectuais, unidas e organizadas juntam esforços e enfrentam riscos; quando concretizando a revolta que sentem no seu peito contra a miséria e a exploração, elas são as operárias do Algarve e de Matosinhos; as operárias de confecções da FEX; as operárias de produtos químicos da CIP; as enfermeiras dos hospitais de Lisboa e Porto; quando ao lado dos maridos, filhos, irmãos — operários da

doença e ausência de assistência à maternidade e à infância, o abandono na velhice, a desigualdade nos salários e regalias sociais, como a desigualdade de possibilidades na promoção profissional e cultural, não são um «destino» para as trabalhadoras e anti-fascistas portuguesas.

Elas sabem que não são as lágrimas a única resposta para as angústias que o aumento incessante do custo de vida espalha nos seus lares, como para os perigos de guerra cada vez mais concretizados na crescente sujeição do regime ao imperialismo estrangeiro.

A solução desses e outros instantes problemas encontrá-la-ão na acção unida e organizada.

Quando o P.C.P. no apelo do seu VI Congresso, dirigido às mulheres portuguesas diz: «Que nas fábricas, nas empresas, nas aldeias, nos bairros, se criem, na base da luta pelas suas reivindicações mais directas, Comissões de Mulhe-

DIA INTERNACIONAL DA MULHER JORNADA DE LUTA E DE SOLIDARIEDADE AO VIETNAM

Carris ou pescadores do Algarve e de Matosinhos — elas são poderoso estímulo, exemplo de coragem e combatividade a enfrentar a brutalidade das forças repressivas; quando, de coração retalhado pela perda dos entes mais queridos, dizimados, inválidos, prevertidos nas criminosas guerras coloniais, fazem ouvir a sua indignação e protesto; quando os melhores anos da sua vida se consomem por detrás das grades do Forte de Caxias e nem as torturas policiais, nem os sofrimentos provocados pela doença, nem a saudade angustiada dos filhos, cuja presença não podem viver, lhes abalam a firmeza com que se consagraram à causa da libertação do nosso povo.

As mulheres anti-fascistas portuguesas estão trilhando os caminhos do 8 de Março.

Elas sabem que a exploração e a miséria, a

Comissões de Solidariedade aos grevistas, Comissões de Mães e Esposas de soldados que se encontrem nas colónias; Comissões de Amnistia, de Assistência e de solidariedade aos presos políticos», o P.C.P. indica alguns dos caminhos por onde deve passar o 8 de Março das mulheres do nosso país.

O drama do heróico povo vietnamita — a grande vítima do imperialismo americano nos nossos dias — está no coração das mulheres portuguesas.

Jornada de solidariedade ao povo do Vietnam, jornada de apoio fraterno às mulheres e crianças vietnamitas, eis o apelo que a Federação Democrática Internacional das Mulheres dirige no dia 8 de Março de 1968 às mulheres de todo o mundo. A ele darão a sua adesão as mulheres de Portugal.

O ENCONTRO CONSULTIVO DE BUDAPESTE nova contribuição para a unidade do movimento comunista internacional.



No momento em que o « AVANTE » entra no prelo prosseguem em Budapeste, capital da Hungria Socialista, os trabalhos do Encontro Consultivo dos Partidos Comunistas e Operários, no qual participa uma delegação do Partido Comunista Português, dirigida pelo camarada Manuel Rodrigues da Silva, membro do Secretariado do Comité Central, conjuntamente com as delegações de cerca de 70 partidos irmãos.

A realização do Encontro Consultivo exprime o avanço que se registou no sentido da Unidade do Movimento Comunista Internacional, é uma prova concreta do esforço colectivo que vem sendo desenvolvido para o reforçamento da cooperação entre os Partidos Comunistas e Operários, para o desenvolvimento da luta comum e para a solução dos mais candentes problemas que afligem a Humanidade.

Os representantes dos partidos presentes ao Encontro que até agora usaram da palavra, acentuaram a necessidade da convocação da Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, reafirmaram a necessidade de fortalecer as fileiras do grande exército

mundial de comunistas, como garantia para o reforçamento da frente anti-imperialista, como meio indispensável para deter a agressão americana ao Vietnam, para a salvaguarda da Paz mundial e para a defesa da independência dos povos.

O Encontro Consultivo de Budapeste decorre num ambiente de franca camaradagem e de livre discussão e não visa excomungar, como assinalaram vários oradores, qualquer partido ou excluí-lo da participação dos trabalhos da Conferência Internacional. Pelo contrário. E objectivo dos participantes do Encontro Consultivo que os vários partidos que por um motivo ou outro estão ausentes do Encontro de Budapeste possam participar na próxima Conferência em igualdade de direito. O Encontro Consultivo de Budapeste tem como objectivos fundamentais dos seus trabalhos a preparação da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários, com vista ao reforçamento da unidade do Movimento Comunista Internacional, à luta contra o imperialismo e à defesa da Paz.

O Partido do Trabalho da Coreia e o Partido dos Trabalhadores do Vietnam enviaram men-

sagens ao Encontro, esclarecendo que a sua ausência se deve a motivos de força maior.

O Encontro Consultivo de Budapeste aprovou por unanimidade uma mensagem de soli-

dariedade ao Vietnam, na qual se reafirma a disposição dos partidos comunistas e operários de intensificarem o seu apoio multiforme aos heróicos combatentes vietnamitas.

A delegação portuguesa reafirma o apoio do Partido Comunista português à realização da Conferência Internacional

Em nome da Delegação portuguesa, o camarada Manuel Rodrigues da Silva afirmou a concordância do Partido Comunista Português pela realização do Encontro de Budapeste, acentuando que quer em encontros com partidos irmãos quer nos comunicados do Comité Central, o P.C.P. sempre se pronunciou pela realização de uma nova Conferência Internacional. «Tendo em conta a situação existente no Movimento Comunista Internacional — disse Manuel Rodrigues da Silva — o P.C.P. tem igualmente insistido na necessidade de uma preparação cuidadosa de forma a que as resoluções da Conferência sejam o resultado de um exame colectivo de todos os Partidos Comunistas e Operários interessados na cooperação e na Unidade».

Na sua intervenção a delegação portuguesa assinalou que seria desejável que o Encontro Consultivo procurasse o acordo dos partidos participantes, sobre os objectivos da Conferência, a sua ordem de dia e uma data que se estabeleça em princípio, no prazo de um ano, mas que não seja definitivamente marcada, bem como os métodos do trabalho preparatório.

O camarada Manuel Rodrigues da Silva afirmou igualmente, em nome da delegação portuguesa, que o Encontro Consultivo deveria dar conhecimento aos Comités Centrais dos partidos participantes sobre os acordos que se registem, assim como sobre as opiniões propostas ou sugestões apresentadas no Encontro. Sugeriu que se marcasse um novo encontro no prazo de 2 ou 3 meses para prosseguir os trabalhos preparatórios da Conferência, afirmando que deveriam fazer novos esforços para a participação no novo Encontro Consultivo e na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas ausentes no

actual Encontro.

Manuel Rodrigues da Silva exprimindo a orientação do P.C.P., acentuou que a Conferência deveria ter como objectivo fundamental o estreitamento da cooperação entre os Partidos e a Unidade do Movimento Comunista Internacional e não deveria servir para condenar ou excluir qualquer partido irmão. A ordem do dia da Conferência poderia ser as direcções fundamentais da luta contra o imperialismo. Quanto à composição da Conferência, o P.C.P. defende a necessidade de uma Conferência aberta a todos os Partidos Comunistas e Operários. A delegação portuguesa declarou em seguida, que o P.C.P. manifesta igualmente a sua disposição de participar numa Conferência Internacional mais larga com a participação de partidos socialistas e progressistas e de outras forças anti-imperialistas.

Manuel Rodrigues da Silva, em nome da delegação portuguesa, referiu-se à formulação de princípios que devem reger as relações entre partidos irmãos nos seguintes termos: «O P.C.P. é pelo respeito escrupuloso dos princípios da igualdade, da independência e da soberania dos Partidos Comunistas e Operários e da não ingerência de uns na vida interna de outros».

E mais adiante afirmou:

«Nós consideramos o actual Encontro na sequência das numerosas e úteis conversações bilaterais realizadas entre partidos irmãos como um fructuoso dos esforços de cooperação e unidade dos Partidos Comunistas e Operários.

Pela nossa parte tudo faremos para fazer triunfar os interesses da cooperação e da Unidade na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário».

ENCONTROS COM PARTIDOS IRMÃOS

Na segunda metade de Janeiro, o camarada Álvaro Cunhal visitou a Bulgária, Roménia, Checoslováquia e Hungria, onde realizou conversações com os partidos irmãos respectivos, sobre assuntos de interesse comum e designadamente sobre o encontro consultivo dos partidos comunistas e operários de Budapeste. Na Bulgária encontrou-se com os camaradas Todor Jivkov, 1.º secretário do CC do PC Búlgaro e Boris Velchev, secretário do CC. Na Roménia com os camaradas Nicolau Ceausescu, secretário geral do CC do PC Rómeno, Chiva Stoica, membro da Comissão Executiva, do Presfido e secretário do CC, M. Dalea, secretário do CC e Ghizela Vass, chefe da secção do CC. Na Checoslováquia com o camarada Koutski, secretário do CC do PC da Checoslováquia. Na Hungria com o camarada Komoscin, membro do Burou Político e secretário do CC do Partido Socialista Operário Húngaro. Todas as conversações decorreram no ambiente de camaradagem e calorosa amizade, que caracteriza as relações do Partido Comunista Português com os citados partidos irmãos.

«Rabotchie Dialo», órgão do Partido Comunista Búlgaro, no seu número de 28 de Janeiro publicou o comunicado do encontro, citando a troca de informações havidas entre os dois partidos.

O órgão do Partido Comunista Romeno, «Scinteia» de 28 de Janeiro, faz igualmente referência no comunicado às conversações havidas.

O órgão do Partido Comunista da Checoslováquia «Rude Provo» publicou em 23 de Janeiro o comunicado das conversações entre o Partido Comunista da Checoslováquia e o Partido Comunista Português.

Das conversações tidas pelos representantes do Partido Socialista Operário Húngaro e do Partido Comunista Português deu notícia, igualmente, o órgão do Partido Húngaro «Nepszabadsag».

XIV CONGRESSO DOS SINDICATOS SOVIÉTICOS

No dia 27 de Fevereiro iniciou os seus trabalhos em Moscovo, o XIV Congresso dos Sindicatos Soviéticos.

Neste Congresso participaram 4.500 delegados, dos quais faziam parte, operários agrícolas e industriais, presidentes de Sindicatos, professores, marinheiros, empregados e numerosas activistas sindicais, representando 86 milhões de membros.

Em nome dos trabalhadores portugueses o «AVANTE» saudou os trabalhadores soviéticos pela realização do seu XIV Congresso desejando-lhes os maiores êxitos no seu trabalho.

«HOMENS FORTES» COMO ROCHEDOS

«HOMENS FORTES COMO ROCHEDOS» é o título de um livro recentemente publicado na União Soviética, dedicado à luta do povo português e em particular à acção dos seus mais corajosos e abnegados defensores: os comunistas. O livro, com mais de 300 páginas, é da autoria do escritor soviético NAUM MAR, que para o escrever recolheu documentos vivos e informações normalizadas sobre a luta do Partido Comunista Português e em particular de alguns

dos seus mais valorosos militantes. Através do seu livro, o autor procura dar a conhecer a ideia dos espíritos vivos e corajosos da massa difícil luta contra a ditadura fascista. O livro, publicado de um motivo de grande alegria, é um testemunho da solidariedade dos povos soviéticos e dos seus intelectuais pela luta dos comunistas e do povo de Portugal.